

NORBERTO ÁVILA

algun teatro

II

Viagem a Damasco

Do Desencanto à Revolta

Os Deserdados da Pátria

Florânia ou A Perfeita Felicidade

D. João no Jardim das Delícias

Título: Algum Teatro
Vol. II

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1659-8

Depósito legal: 294 430/09

NORBERTO ÁVILA

algum teatro

II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

DO DESENCANTO À REVOLTA

(1982)

Peca escrita em 1982, constituindo então a 1 parte de uma obra muito vasta, cuja 2 parte (escrita seis anos depois) seria *Os Deserdados da Pátria*, título que abrangia a globalidade desta ficção teatral. Até que o autor entendou a vantagem de dividir o original em duas peças independentes, mantendo os mesmos locais de acção e protagonistas, formando, de qualquer maneira, um todo coerente. Assim, guardou o título *Os Deserdados da Pátria* para um só dos painéis do actual díptico dramático. Bastante mais adequado ao segundo, houve que dar um nome ao primeiro: *Do Desencanto à Revolta*.

As peças (então designadas pelo título comum de *Os Deserdados da Pátria*, como ao dissa) foi atribuída a Menção Especial do Júri dos Prémios do Centro Dramático Almeida Garrett. Publicadas entretanto, num mesmo volume, pela Novo Imbandoiro (Lisboa, 2003), aguardam ainda (em 2008) a oportunidade de realização cénica.

«Uma fascinante memória histórica. [...]

Não se capera, naturalmente, que o autor adultere os dados que a História abarou, mas que trabalho eases acontecimentos por forma a destacar a exemplaridade dos factos que utilizou. [...] Este difícil entrelaçar da História na Ficção é feito de uma forma que posso adjectivar de magistral, nestes dois dramas de Norberto Ávila [...].

Esto foi o momento do nosso passado que Norberto Ávila decidiu trabalhar e recriar, constituindo estes textos, não uma visão derrotista da História, mas antes um hino à liberdade e ao progresso, que bem mereca ver as luzes do palco.

[...] numa altura em que não percebemos o que se passa em matéria de política teatral, chegam-nos não só duas belíssimas peças do teatro, como uma proposta concreta, vinda do próprio autor: porque não representá-las em dias alternados, uma vez que, como já ao dissa, temos em mãos dois textos complementares. Poupar-se-ia até, nos magros tempos que vão correndo, em guarda-roupa e cenografia...»

ISABEL VARCONCELOS,
Departamento de Língua e Cultura Portuguesa.

DO DESENCANTO À REVOLTA

Personagens:

BALTASAR DE MONTEMOR, mercador e armador naval

D. MARGARIDA, sua mulher

BERNARDIM DE MONTEMOR, filho de ambos

D. CATARINA, mulher de Bernardim

D. FRADIQUE ALVARENGA, rico mercador naval, ex-tutor
de D. Catarina, fundador e proprietário de um colégio

PADRE SIMÃO RODRIGUES, jesuíta

DAMIAO DE COIS, humanista e viajante

JERÓNIMO GARCIA, amigo e ex-companheiro de estudos
de Bernardim

ESTER DE OLIVEIRA, cristã-nova, mulher de Jerónimo Garcia

JOÃO REBELO, feitor de Portugal em Antuérpia

CAPITÃO DO NAVIO

BASTIANA, escrava negra que foi de D. Fradique Alvarenga,
feita criada em casa de Baltasar de Montemor

FELICIA DO REGO, meretriz muito fantasiosa

CIRIGAITA, um rufião



A acção decorre em Antuérpia e Lisboa, em 1540-1541.

I PARTE

1

A horda da nau São Jorge, pertença do armador Baltasar de Montemor, ancorada no porto de Antuérpia, em 1540. A câmara ou camarote em que viajarão Bernardim, filho do armador, e Jerónimo Garcia, seu amigo e ex-companheiro de estudos.

Dois beliches, um de cada lado. Aberta, ao fundo, uma varanda de popa, com suas colunas e arcos de madeira trabalhada.

Jerónimo arruma umas roupas numa arca.

BERNARDIM (*olhando pela varanda*) — Misteriosa manhã, Jerónimo!

JERÓNIMO — Assim me parece também. Dormias tu ainda, saí à varanda a consultar as nuvens e as estrelas. Sombras da noite e alvares da madrugada..., de parte a parte se defondiam antiquíssimos privilégios, de ocupação do céu.

BERNARDIM — Pois agora, amigo, já te poderei confirmar o incontestável triunfo do dia!

JERÓNIMO (*que se aproximou de Bernardim e olha também pela varanda*) — Triunfo condicionado. Triunfante, o dia não deve usar aquele manto do névoa.

BERNARDIM — Em Antuérpia, sim. No Outono.

(Afastando um reposteiro de veludo, a um dos lados, em primeiro plano, entra o capitão do navio.)

BERNARDIM — Bem aparecido, diligente capitão. Tencionava descer agora mesmo, a informar-me sobre o embarque.

CAPITÃO — O embarque, senhor, decorre normalmente. Há pouco, faltavam-nos ainda uns cinco ou seis passageiros. Mas é bem possível que já tenham chegado.

BERNARDIM — E a carga?

CAPTÃO — Até ontem, ao fim da tarde, quase toda ela ficou nos porões. Esta manhã recebemos ainda umas caixas de rendas de Bruxelas, umas tapeçarias, uns clavicórdios e alaúdes e não sei que mais.

BERNARDIM — Dentro de quanto tempo poderíamos partir?

CAPTÃO — Agora já não o saberei dizer. Dependerá da demora que tiverem os vossos visitantes.

BERNARDIM — Visitantes?

CAPTÃO — Amigos de muito apreço e qualidade. Sem dúvida gostareis de recebê-los.

BERNARDIM — Onde estão?

CAPTÃO — Aqui mesmo, senhor. Permiti-me acompanhá-los até à vossa câmara. *(E, afastando o reposteiro, dá passagem a Damião de Góis e a João Rebelo, feitor de Portugal na Flandres.)*

BERNARDIM — Damião de Góis!

DAMIAO — Bernardim de Montemor!

(Lançam-se, de um impeto, nos braços um do outro.)

BERNARDIM — Mas que surpresa foi esta?! Por pouco que não nos encontrávamos!

DAMIAO — Por muito pouco, segundo parece! *(Reparando em Jerónimo.)* E tu, Jerónimo Garcia! Que prazer em ver-te!

JERÓNIMO — E que direi eu, Damião?!

(Abraçam-se calorosamente.)

CAPTÃO *(a Bernardim)* — Volto ao meu posto, senhor. E aguardarei as vossas ordens.

BERNARDIM — Sim, Rodrigo. E agradeço.

DAMIÃO — Não vos cause preocupação a nossa visita inesperada e inoportuna, capitão. Seremos breves. Por nossa causa, não perdereis nem ventos nem marés.

CAPITÃO — Em ventos e marés... a Natureza é pródiga, senhor. (*Faz respeitosa vénia e retira-se.*)

BERNARDIM (*ao feitor de Portugal*) — Grande gentileza foi esta, a do nos trazeres o amigo ilustríssimo, por tão breves instantes, embora!

JOÃO REBELO — Pois sabeí que, ontem à noite, pela escassa diferença de uma hora, se tanto, perdemos oportunidade deste mesmo encontro, em minha casa. Saístes vós, seriam dez horas...

JERÓNIMO — Um pouco mais tarde, talvez.

JOÃO REBELO — O que é certo é que, aí muito por volta das onze, batia-me à porta Damião de Góis.

BERNARDIM — Bem agradável foi o nosso convívio. Pois melhor teria sido ainda, se connosco estivesse Damião!

DAMIÃO — Generosidade vossa.

JERÓNIMO — Viesto de Lovaina?

DAMIÃO — De Lovaina. Com alguns percalços de viagem. Por isso demorei mais do que seria razoável. E, não fosse a grande amizade que me une a João Rebelo, nunca me atreveria a procurar pousada em sua casa, a horas em que os nossos próprios inimigos merecem descanso.

JOÃO REBELO — Ora, ora. Deixemos isso.

DAMIÃO — Ainda pensei, confesso, pedir a João Rebelo que me acompanhasse até aqui, para um abraço, e alguma conversação, breve que fosse. Insensatoz seria, na verdade. Porque bem me informou o nosso feitor de que vós, Bernardim e Jerónimo, estando em véspera de partida, havíeis preferido pernoitar a bordo.

BERNARDIM — Até então havíamos beneficiado da magnífica hospedagem que João Rebelo se dignou oferecer-nos, e por tão largas semanas!

DAMIÃO — Melhor anfitrião não conheço! E olhai que tenho viajado muito!, e por quantos países!

JOÃO REBELO — Mas, por Deus, limitemos as palavras ao essencial!

DAMIÃO — Portanto, arremessei do meu espirito a ideia de vir incomodar-vos, a desoras.

BERNARDIM — E fizeste mal. Que não seria tarde para atravessar o rio, ver os moinhos ao luar e visitar duas ou três tavernas, para os lados de Sant'Ana!

DAMIÃO — Isso! Depois de tão longa viagem, bem sacudido pelo chouto entisicante do cavalicoque, fresco estaria eu para essa via-sacra!

BERNARDIM — Pois, para teu castigo, beberás, *in conti-nenti*, uma pequena parte do que poderias ter bebido esta noite. — Jerónimo, prepara-me aí essa mesa. (*E, enquanto vai a um armário buscar uma garrafa de vidro guarnecida de prata e quatro taças de estanho, Jerónimo levanta o tampo descido da mesinha e junta-lhe dois tamborettes.*) — A minha provisão de vinhos portugueses... está, a bem dizer, consumada. Beberemos, mesmo assim, um trago de excelente malvasia. Da Madeira.

DAMIÃO — Bem-vinda será ela, na celebração deste afortunado reencontro!

(*Damião serve o vinho e todos empunham as taças, elevando-as em brinde.*)

JOÃO REBELO — Ao feliz regresso a Lisboa de dois queridos amigos: Bernardim de Montemor e Jerónimo Garcia!

BERNARDIM — À feliz permanência nos Países Baixos de dois portugueses que muito nos honram: João Rebelo, que tão excelentemente tem representado a nossa pátria em An-